

# Estorvo

Encolhida no sofá, frente à lareira, Maria contempla o vazio das chamas. Mal ouve os sons que chegam da cozinha.

Sente um embate no ombro, quando a filha coloca mais lenha na lareira.

Desperta.

Olha-a fixamente nos olhos, mas a única coisa que vê é fastio.

Quando chegaram a esta situação?

Não sabe. Sinceramente, não sabe.

Recorda a primeira vez que lhe colocaram aquela bonequinha rosada nos braços e a promessa que fizera a si própria de amá-la incondicionalmente, em todas as situações.

Recorda, ainda, o que lhe custou deixar o emprego de que tanto gostava e que tanto a realizava, para cuidar dela, porque, na sua cabeça, ninguém saberia dar-lhe aquilo que ela necessitava. Só ela.

Recorda as tardes passadas no quintal, cheias de risos e de brincadeiras.

Recorda-a empoleirada nos seus saltos altos, frente ao espelho, a tentar pintar os lábios.

Recorda a aflição sentida nas primeiras noites de saída, na adolescência, e as constantes idas à janela, para ver quando chegava.

Recorda a ida para a universidade e a ginástica financeira que tivera de fazer.

Recorda a venda da sua pequena casa, na vila onde morara desde que nascera, para dar-lhe o dinheiro para comprar o apartamento com que ela sempre sonhara.

Recorda os dias passados a cuidar dos netos e da casa.

Recorda-se de pensar que todos os sacrifícios tinham valido a pena. Nada era demais para a sua filha.

Recorda...

Recorda...

Recorda...

Um dia, tudo mudou.

Agora era um estorvo. Apenas isso... um estorvo.

-

Ali, naquela sala, estava ela e uma mulher que outrora tinha sido sua filha, mas que havia muito tempo não agia como tal, apesar de não o querer admitir. Pareciam recordações de uma outra vida, em que, não obstante todos os sacrifícios que fizera pela sua amada princesa, era feliz e realizada.

Agora, o incómodo que sentia na cabeça por, aos olhos da sua filha, ela mesma ser um incómodo não a deixava dormir, pelo que passava as noites a fixar a lareira, que permanecia acesa incessantemente durante aquele gélido inverno. Gostava de refletir sobre a vida que tivera e as

escolhas que havia feito. Imaginava-se como o fogo resplandecente que persistia irrequietamente inerte. Pensava que talvez envelhecer fosse exatamente assim, uma inércia que retira o movimento, mas não a alma. Essa ficava para depois.

A aversão que sentia através do olhar da sua filha, que se esforçava para a esconder, era um desalento maior do que a morte. Mas quando tinham chegado até ali? Já sabia. Quando a impaciência passa a ser maior do que o amor, por muito grande que este possa ser, o fastio torna-se um fardo demasiado pesado para uma só pessoa. Ela sabia. Agradecia à filha pelo esforço, mas ela não respondia e virava costas. Maria não demonstrava a profunda tristeza que a assolava nestes momentos. Não queria mostrar fraqueza, pois achava que esse seria o golpe fatal na sua relação, pelo que engolia em seco e voltava a olhar para a lareira.

À filha também doía. Não sabia porque o fazia. Talvez culpasse a mãe por tudo o que havia deixado para trás, talvez a culpasse por tudo aquilo que o futuro reservava para ela e que lhe havia sido retirado por força das circunstâncias.

Lembrava-se da ida para a faculdade e das saudades que tinha sentido dos pais, que, embora relativamente perto, se encontravam mais distantes do que alguma vez haviam estado.

Lembrava-se da notícia da morte do pai, que lhe fora dada por uma das secretárias da universidade.

Lembrava-se de querer regressar a casa naquele preciso momento e que, de forma quase heroica, a mãe, também

ela desolada e solitária, a tinha convencido a ficar e a prosseguir os seus estudos.

Lembrava-se de abandonar o trabalho de que tanto gostava para tratar da sua progenitora, durante a velhice, pois, na sua cabeça, ninguém, além dela, lhe poderia fornecer aquilo que ela necessitava.

Lembrava-se de vender o seu apartamento para ir viver com Maria. Porém, não sabia de onde vinha toda a amargura com que procedia todos os dias. Apesar das memórias felizes que tinha, de momento só era capaz de se recordar das más e dos sacrifícios que fizera. No meio de tanta angústia, nem pensava que a sua mãe havia feito tantos ou mais sacrifícios para cuidar dela.

Um dia, tudo mudou.

O sofá da sala encontrava-se agora vazio e o silêncio que se fazia na casa era ensurdecedor, principalmente para quem nunca soube ouvir. A filha, que o deixara de ser, sentou-se no sofá a olhar para a lareira, contemplando não o vazio das chamas, mas o vazio dentro de si.

Ali, naquela sala, estava ela, sozinha.

Naquele momento, Maria não passava de uma lembrança.

Apenas isso... uma lembrança.

Professora Ana Lúcia Costa

Escola Básica e Secundária de Macedo de Cavaleiros

Alunos da Escola Secundária de Barcelos